

Artigos

A análise de risco nas operações financeiras

Daniel Malheros Vitto¹; Sandra Regina Dorne²; Fabiano Cardoso Pirissato³; Maria Silvinha Cararo Martins⁴; Joaquim Mario de Paula Pinto Junior⁵; Jorge Luiz Rodrigues Valencio⁶; Silvana Soares Siqueira Rocha⁷; Cleverson Cirino Coelho da Silva⁸; Enoque Alves da Rocha⁹; Eric Duarte Campos¹⁰; Sirlene Siqueira Alves¹¹

¹Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Especialista em Gestão Financeira, Contábil e Auditoria - UNESPAR.

²Professora de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Mestra em Educação - UEM.

³Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Especialista Gestão Empresarial com Ênfase em Gestão de Pessoas - UNIFATECIE.

⁴Professora de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Mestra em Educação - UEM.

⁵Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Especialista em Gestão Financeira e Contábil - UNESPAR.

⁶Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Especialista em Gestão em Direito Ambiental.

⁷Professora de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Mestre em Estudos Linguísticos da linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas - UEM.

⁸Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Mestre em Formação Docente Interdisciplinar - UNESPAR.

⁹Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Mestre em Desenvolvimento e Tecnologia - LACTEC.

¹⁰Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Especialista em Finanças e Controladoria - UNICESUMAR.

¹¹Professor de Curso Superior e Pós-Graduação - UniBF. Mestra em Desenvolvimento e Tecnologia - LACTEC.

✉ danielvito@gmail.com; sand_rd@hotmail.com; fabiano.blizz@hotmail.com; silvinha.martins2@gmail.com; kim.pvai@gmail.com; jvalencio_55@yahoo.com.br; silsigocha@yahoo.com.br; cleversoncirino@gmail.com; enoque@rondon.pr.gov.br; ericduartecampos@yahoo.com.br; sirlene.rh@gmail.com

Palavras-chave:

Risco.
Operações Financeiras.
Gerenciamento.
Bancos.

Resumo

A vivência em um mundo capitalista, não é tão estável quanto se possa esperar, ainda mais quando se defronta, no Mercado financeiro com um ambiente instável, contando com diversos fatores de influência. Mediante a um ambiente tão instável é fácil de antever que o risco ocorrerá, todavia, a mensuração do mesmo é mais complexa de ser concretizado. As instituições financeiras como qualquer empresa, estão sujeitas a ser atingida por riscos. O Gerenciamento de Riscos tem como função definir o ambiente atual e as variáveis, o que permitirá um planejamento estratégico, para que se precaver de avarias. O administrador atual deve ser um visionário em diversas frentes, e em principal buscar proteção para sua empresa. É importante um senso estratégico que direcione os passos da empresa e que garanta maior assertividade. O presente trabalho foca na definição, classificação dos riscos, na importância e regulamentação do gerenciamento risco e identifica bibliograficamente métodos de gerenciamento de risco em instituições bancárias. A metodologia terá caráter exploratório, pois buscará delinear algo, sem que haja conjecturas. As pesquisas bibliográficas foram importantes ao tocante de trazerem clareza na definição de risco, suas ocorrências e principalmente trazer métodos para se precaver.

1 INTRODUÇÃO

Os gestores financeiros sabem que as suas organizações são suscetíveis aos riscos, que podem, portanto, fugir ao controle. Nesse sentido, sua gestão deve ser pautada na minimização destes impactos. O risco é difícil de ser determinado devido aos investimentos em ativos financeiros serem tão incertos, e os resultados futuros dependerem de variações de taxas de mercado, de câmbio e de juros.

Risco é um assunto complexo e a gestão do mesmo consiste na proteção da empresa, para que se evite ou minimize as perdas. As instituições financeiras se diferem de outros tipos de organizações, pois, obtém lucros mediante intermediação de capital com terceiros, em geral fazendo captação de recursos junto ao público num mercado instável, com interferências macroeconômicas, tais como renda da população, inflação, câmbio, dentre outros.

Muitos estudos na área de gestão de riscos têm sido dirigidos para a otimização, visando estratégia de obtenção de lucros ao passo que se preocupam com os fatores de risco que possam vir a afetar os resultados das organizações. O gerenciamento de risco na atualidade preocupa-se muito mais do que meramente garantir o retorno do investimento de seus participantes, visa sim, resguardar a seguridade da instituição bancária e sua credibilidade, ou seja, mais do que se ocupar com o lucro presente, preocupa-se também com os advenços futuros.

O presente trabalho foca na definição, classificação dos riscos, na importância e regulamentação do gerenciamento de risco e identifica bibliograficamente métodos de gerenciamento de risco em instituições bancárias e afins. Assim, pressupõe-se que problemas podem ser solucionados com maior eficiência, se forem antevistos. Depois que eventos indesejáveis acontecem, uma decisão tomada com premência, na maioria das vezes é a menos coesa, e não propicia sustentabilidade organizacional. Para Drucker, existem dois tipos de riscos: o que não se pode correr, e àquele que não se pode deixar de correr.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Conceito de Risco

Correr risco faz parte do das emoções do homem, de acordo com Tolotti (2007) desde o princípio dos tempos, o ser humano teve intuito de se arriscar para poder desfrutar de novas fronteiras. Atualmente o risco faz parte do mundo dos investimentos. Stephan (1994) é mais branda ao dizer que a ação de se arriscar é passar de algo familiar para algo que ainda não se conhece. É o que se define como deixar algo certo, para se aventurar por novas possibilidades. O ato de arriscar-se provém da incapacidade de prever o futuro e indica grau de incerteza, mais especificamente, trata-se de uma possível saída, num momento futuro, para uma ação tomada no momento presente.

Diferentes autores corroboram a definição de que risco é a probabilidade de ocorrência de um evento, Damodaran (2005) especifica como probabilidade de ocorrer resultados, em muitas vezes, de algo que não se deseja. Por outro lado, Gitman (2000) define como a chance de perda financeira, ou diz respeito à exposição à possibilidade de perda, ou a simples ameaça dela (ILARDO, 2002).

Assim, deixam claro que em toda transação há riscos e o mesmo faz parte das tomadas de decisões, sendo que a incerteza deve ser sempre considerada como um aspecto inerente às operações financeiras, com intuito de se correr um risco controlado.

2.1.1 Tipos de riscos

Os riscos inerentes à atividade financeira podem ser classificados em diferentes modos, Gitman (2000) classifica os riscos em dois tipos, diversificados e não diversificados. Chenço (2009) apresenta uma tipologia de risco classificando inicialmente pela fonte: específico da empresa, específico do acionista e da empresa e do acionista.

Conforme proposto por Gitman (2000) apresenta-se os conceitos de risco diversificado e risco não diversificado.

- Risco diversificado: Pode ser total ou parcial, no que se entende como diluído pela diversidade da carteira. Está atrelado com os adjetivos do título ou da empresa. Esse risco abarca os fatores internos da empresa, que podem comprometer os ativos de retorno da empresa.
- Risco Não diversificado: Também conhecido como risco sistemático, está ligado a fatores de mercado que afetam as empresas e não podem ser eliminados através da diversificação, fatores sociais que afetam a vida comum, como inflação ou eventos políticos, estão associados a esse tipo de risco. Esse risco é influenciado por diversos fatores externos a empresa, o que torna difícil diversificar a parcela do risco.

As empresas devem estar atentas para a importância dos riscos, e conforme Chenço (2009) principalmente quando optam por financiamentos, as principais fontes que afetam os administradores financeiros são os:

Riscos específicos da empresa:

- Risco Operacional: A possibilidade de que a organização não seja capaz de cobrir seus custos operacionais. Relaciona-se às perdas inesperadas de uma instituição.
- Risco Financeiro: A possibilidade de que a empresa não possa cumprir suas obrigações financeiras. As empresas além de não conseguirem saldar seus dividendos com terceiros, também não conseguem remunerar seus sócios ou acionistas.
- Risco de Crédito: Trata-se da possibilidade de perdas, pelo não recebimento de valores emprestados, ou seja, o não pagamento por parte do cliente.

Riscos específicos do acionista:

- Risco de taxa de juros: A probabilidade de haver mudanças nas taxas de juros, e que venham a afetar negativamente o valor de um investimento. Os investimentos perdem valor quando a taxa de juros aumenta, e ganha valor quando a mesma despenca.
- Risco de liquidez: Trata-se de um investimento que não possa ser facilmente liquidado a um preço admissível, essa situação é afetada conforme mudanças de mercado onde o investimento é negociado.
- Risco de mercado: A possibilidade de que o valor do que se investiu caia, ocasionado pelos fatores de mercado. Quanto mais o valor do que é investido reage ao mercado, maior seu risco e quanto menos reage, menor o risco.

Riscos da empresa e do acionista:

- Risco de evento: Probabilidade de algum investimento imprevisto exerça efeito sobre o valor de uma organização. Esses investimentos podem ser afetados por ordens governamentais, como a retirada de determinado produto de circulação.
- Risco de câmbio: Quanto maior a chance de flutuação indesejada da taxa, maior o risco dos fluxos de caixa, assim menor o valor da empresa e do investimento.
- Risco tributário: A possibilidade das mudanças indesejadas na legislação tributária, fazem com que as empresas sejam mais sensíveis as mudanças da legislação.

Assim, a classificação de Gitman (2000) alude ao fato de haverem os riscos diversificados, ou seja, internos à empresa, e os não diversificados que são influenciados pelos fatores externos, assim em equiparação Chenço (2009) trás para os riscos diversificados os Riscos relativos à empresa, sendo que os mesmos ocorrem individualmente na organização. Para os Não diversificados, há os riscos

específicos ao acionista, onde há uma influência da ocorrência do risco como variação cambial e de taxas. Pode-se notar que ambos os autores, diferenciam os riscos quanto a sua influência interna e externa à empresa.

Há também os riscos voltados diretamente às Instituições financeiras, conforme Tosini (2006) podem ser classificados como:

- Risco Legal: definindo-se como uma medida de possíveis perdas em uma instituição financeira, caso os contratos da mesma não possam ser legalmente amparados, por falta de representatividade de um negociador, por documentação insuficiente ou por ilegalidade.
- Risco de Conjuntura: Os Riscos de conjuntura são originados por um mercado adverso, dominado pela demanda e os fornecedores, onde para que se realizem suas vendas, encontram-se muitas vezes na obrigação de aceitar condições de pagamento menos vantajosas, impostas aos clientes.
- Risco de Imagem: É decorrente da falha de sistema, devendo-se a complexidade das operações. Esse tipo de risco decorre do não cumprimento de dispositivos legais, ou da mudança de legislação.
- Risco de Mercado: É provindo da incerteza relacionada aos retornos esperados de um investimento em decorrência de variações em fatores de mercado, como taxas.

2.2 Gerenciamento de Risco

As empresas da atualidade têm de prestar muita atenção ao mercado financeiro, de câmbio e de variações de taxas de juros, pois as mesmas afetam diretamente o fluxo de caixa da organização, como seus lucros (GRINBLATT e TITMAN, 2002). Os riscos relativos à empresa são preocupantes com relação à credibilidade da organização, sendo que os riscos do acionista são externos a vontade da empresa e atuam diretamente junto ao mercado financeiro. Quando conjuntos os riscos da empresa e do acionista, convencionou-se que haja uma maior cautela visto que há a possibilidade de haver riscos não diversificados.

Todo tipo de projeto, segundo Alencar e Schmitz (2006) ou planejamento, por melhor executado que seja contam com a incerteza, pois isso é inerente para todo tipo de atividade futura, onde os custos, e impactos sobre fluxo de caixa não são completamente conhecidos, ou mesmo de rápida modificação. O administrador deve estar apto a trabalhar com a incerteza, a análise e trabalho com a incerteza pode ser conhecida como gerência de risco.

2.3 Gestores de riscos – Administrador Financeiro

Ao risco é inerente à incerteza, e para trabalhar com algo indefinido há a necessidade de ter um bom gestor que o faça. Um gestor financeiro é aquele que, segundo Brealy e Myers (2003), se posiciona entre as operações da organização e o mercado financeiro, onde o investidor manterá os ativos emitidos pela empresa. Executa a gestão ativamente das questões financeiras de diversos tipos de negócios acerca do planejamento, concessão de créditos para clientes, avaliações de investimento e também verificação de meios para se obtenha recursos de outras operações da organização (GITMAN, 2000). Não existem ações financeiras isentas de riscos, assim todas devem conter avaliações criteriosas de probabilidades. Ao que dita Drucker (1981), este deve analisar os riscos, estudá-los a cada curso de ação em comparação aos benefícios esperados, com intuito de mitigá-los assegurando o capital da empresa, pois, a aversão ao mesmo é latente. Todavia, para um aumento do risco exige-se em contrapartida um retorno maior.

O risco é proveniente de um investimento, um é inerente ao outro, se não houver investimento, também não haverá risco a correr. De acordo com Bodie et al (2000), investimento é um comprometimento atual de dinheiro ou de outro recurso, na expectativa de proventos futuros. Investimento é o uso do capital para gerar mais recursos, fazendo com que os mesmos sejam provenientes de negócios gerados ou empreendimento. O investimento pode ser financeiro, onde o investidor põe dinheiro em determinado negócios, ou um investimento de esforço por parte de uma pessoa que deseja obter lucratividade pelo sucesso de seu ofício (DOWNES E GOODMAN, 1993).

Segundo Padoveze (2005) o que adjetiva um investimento por ser um gasto não consumido momentaneamente, cujos benefícios virão futuramente do gasto desse gasto presente. O Risco deve ser avaliado com base na variabilidade do Retorno, os modelos de risco e retorno, usados nas finanças empresariais representam a seguinte análise de risco, ou seja, o risco vem da distribuição de retornos em torno do retorno esperado (DAMODARAN, 2005).

Para Paschoarelli (2008) Risco e Retorno estão fortemente atrelados, não é possível dissociar uma coisa da outra, todo tipo de investimento contempla um risco, e ninguém investe sem buscar retorno. Um dos aspectos mais relevantes do risco é o conhecido modelo de precificação de ativos, explanado pelo modelo Capital Asset Pricing Model (CAPM), aonde o mesmo vem do que se pode mensurar da avaliação de risco e retorno (GITMAN, 2002). O conceito de Risco e Retorno é fundamental para a área administrativa financeira, pois se deve convencionar que o retorno deve crescer à medida que o risco aumenta.

2.4 Modelos de Análise de Risco em Investimentos

A administração do risco é um processo empresarial financeiro, formado por três etapas de análise que visam facilitar a tomada de decisão, conforme Brigham e Ehrhardt (2006), os passos são os de identificar o risco enfrentado pela empresa; medir o impacto potencial de cada risco e decidir como o risco será tratado. Análise de risco é a simulação probabilística de perdas ou danos. Os Riscos e ameaças são variáveis, e manifestam probabilidade de ocorrência e com potencialidade para causar dano. Risco e ameaça não se confunde, no risco o dano é real, acontecendo eventos e havendo assim a necessidade de perda. Na ameaça o dano é potencial e isso acontece ao evento podendo haver a perda.

A Análise de Risco para que seja aplicada tem que estar associada à prática do cotidiano, devendo ser compreendida com facilidade, e aplicada em campo de forma lúida e confiável. No que se classifica o risco, o termo utilizado em uma análise deve ser a de que o mesmo é igual a Perigo e Controle, e está relacionado diretamente à quantidade de perigo e inversamente ao controle que se aplica (CHAMON, 2008).

a) Análise de Cenário

A definição de cenário é importante para a implantação da análise de risco de crédito. Ao ser definido faz com que a empresa seja conduzida para um futuro, ou seja, faz com que a organização preveja quais os custos e os riscos que advirão, evitando as discussões infrutíferas entre as áreas financeira e comercial. O cenário será o guia que conduzirá a empresa até o ponto que pretende chegar. Gomes (2003) descreve que o método de mensuração de risco, que auxilia na definição de cenário é o RISC (Revolucionando e Implementando a Segurança de crédito), pois busca com discernimento crítico basear-se em metodologia dos cinco C's do crédito;

- **Caráter (Intenção de pagar):** é a disposição do cliente em cumprir com suas obrigações.

- Capacidade (Habilidade de pagar): é a capacidade que o cliente tem para cumprir as obrigações, relacionada ao seu fluxo de caixa.
- Capital (Situação Econômica - Financeira): trata-se da reserva financeira que o cliente possui.
- Condições (Ambiente Externo): é a situação da economia do setor que se está analisando.
- Colateral (Bens Patrimoniais): é a celebre garantia, sendo a disposição de oferta de ativos, pessoais ou da empresa, como ponto adicional para credor.

b) Análise de Sensibilidade

Análise de sensibilidade é um método de decisão a qual apoia estudos técnicos com qualidade financeira. Possui objetivo de determinar a viabilidade ou o sucesso de um projeto. A avaliação é feita por intermédio de simulações possíveis para diferentes variáveis do projeto, que constituem maior incerteza no futuro variando-se o preço e o volume das vendas, alguns custos, taxas de câmbio e as condições de financiamento. O objetivo da Análise de Sensibilidade é demonstrar os efeitos que diferentes cenários, podem ter sobre os vários elementos que irão gerar o fluxo de caixa. Enquanto o cenário procura determinar, o que pode mudar, essa análise questiona o quanto uma mudança pode custar. Essa análise questiona o quanto uma mudança pode custar.

c) Simulação de Monte Carlo

O nome Monte Carlo, relaciona-se aos jogos de roleta comum na cidade de mesmo nome, no país de Mônaco e célebre por seus cassinos. A simulação de Monte Carlo (MMC) utiliza ferramentas computacionais para simular cenários futuros, embasados em variáveis cuja valoração é gerada aleatoriamente dentro de uma distribuição de probabilidade que as representa.

O MMC é uma técnica que possibilita o cálculo do valor esperado do projeto, e sua medida de risco. O valor que se espera é a média da distribuição da probabilidade dos resultados gerados e o desvio padrão representa a medida de risco (CORREIA NETO, 2009).

d) Modelo CAPM

O *Capital Asset Pricing Model* (CAPM) é bastante utilizado na tomada de decisão, é utilizado para determinar taxas de retorno. O modelo de formação de preços de ativos relaciona o risco não diversificado ao retorno para qualquer ativo. Esse modelo assume que o investidor é avesso ao risco, e dessa forma se preocupam com a média e a variação do retorno dos investimentos (DAMODARAN, 2005).

Para Copeland et al (2002), o modelo CAPM define-se pelo custo de oportunidade sendo igual ao retorno das entradas livres de risco, ou seja, o risco sistemático da empresa. Assim o retorno esperado sobre o investimento será a recompensa e a modificação dos retornos esperados será o risco de investimento. A fórmula do CAPM é a seguinte

$$K_e = R_f + \beta(R_m - R_f) \quad \text{Equação 1}$$

Sendo que:

K_e =Custo do capital próprio ou retorno esperado

R_f = Taxa de retorno livre de risco

β = Beta da ação

R_m = Risco de mercado ou retorno de mercado

Conforme Bodie *et al* (2000) o modelo CAPM avalia que no mercado o retorno de risco varia em proporção ao beta (β), sendo que o modelo prevê que o retorno esperado originado pelo retorno esperado acima da taxa isenta de risco é proporcional ao risco não diversificado, onde é medido pela variação do retorno do ativo com o retorno do portfólio, compostos pelos ativos de mercado, ou beta β onde esse mede a contribuição do ativo para a variante dos retornos de portfólio.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho tem caráter exploratório, pois conforme Bervian e Cervo (2002), este tipo de estudo não busca fazer elaboração de conjeturas, a serem postas em prática, mas sim pauta-se apenas em fazer definição de algo. A priori tem por objetivo o de buscar informações, sobre determinado tema. Este tipo de pesquisa tem por interesse, conforme Severino (2007), somente obter dados sobre determinado assunto. Dessa forma Babin *et al* (2003) complementa ao dizer que a pesquisa exploratória assume diversas formas, sendo que uma revisão de literatura é muito conveniente para que melhor elucide uma questão ou dúvida.

Ao que tange a Gil (2010), o mesmo diz que antes de qualificar um tipo de pesquisa, há a necessidade de saber como se obterá informações e as técnicas a serem aplicadas. Todo tipo de estudo tem que ser levantado informações, obtidas por intermédio de variadas fontes, sendo que dessa forma se classificam como documentação direta adjetivada pela explanação de dados levantados em pesquisas de campo, ou seja, na prática, e a indireta aquela que é levantada por intermédio de pesquisas documentais e bibliográficas diversas (LAKATOS e MARCONI, 1995).

O estudo em si tem mérito bibliográfico, pois buscou através de obras já publicadas, esclarecer alguns pontos como também definir determinados termos. A presente investigação teve como norteador: definir, classificar os riscos, evidenciar sua importância e apresentar a regulamentação do gerenciamento risco e identificar bibliograficamente métodos de gerenciamento de risco em instituições bancárias. Severino (2007) finaliza ao dizer que, a pesquisa bibliográfica é aquela que é realizada a partir de registros decorrentes de pesquisas anteriores, de documentos impressos, como livros, artigos, teses, revistas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a fundamentação realizada, percebe-se que as Instituições Financeiras, por mais que tenham a imagem de organizações sólidas, são vulneráveis mediante ao que ocorre no mercado financeiro no geral. Uma simples alteração de taxas de juros pode acarretar uma série de contratempos aos bancos, ou mesmo uma alteração em determinado mercado, como o ocorrido em 2008 com a crise imobiliária, pode acarretar uma série de insolvências. Essa crise foi causada por uma série de fatores, os Estados Unidos vinha de uma época de terrorismo causado pelos ataques de 11 de setembro de 2001, assim os americanos importavam mais do que exportavam e focarem nas guerras do Iraque e do Afeganistão, afetou a economia interna. Com isso países como a Inglaterra e a China, passaram a injetar mais dinheiro nos EUA, e com essa expansão de crédito e as taxas de juros estáveis os americanos passaram a comprar compulsivamente, principalmente imóveis. Todavia lançavam mão de linhas de créditos, ou seja, recorriam aos bancos para captar empréstimos. Com o passar dos meses houve um aumento das taxas de juros, e conseqüentemente caiu a demanda, o que causou desvalorização de bens imobiliários. Os bancos nesse quesito haviam entrado como financiadores, e com a o aumento dos juros e a desvalorização imobiliária, as hipotecas deixaram de serem pagas, e com essa inadimplência os bancos começaram a quebrar. Esse cenário demonstra a importância do que é proposto no Acordo de Basileia II, onde se recomenda que não se façam empréstimo sem antes ter total convicção do retorno do mesmo.

A proposição de apresentar técnicas de estimação e prevenção de risco, parte do pressuposto de que os bancos estejam atentos a situações adversas que podem surgir e causar transtornos financeiros, como o caso do risco de crédito, quando o banco empresta mais do que possui. A teorização é finalizada trazendo os primórdios dos bancos, desde sua origem, à cunhagem da moeda, chegando ao Sistema Bancário Nacional. O que se pode analisar do trabalho em si é que os bancos não são instituições absolutamente sólidas, caso não saibam gerenciar suas contas, podem vir a incorrer em crises, as ferramentas estudadas são exatamente para nortear e evitar riscos.

5 CONCLUSÃO

Na atualidade nossas Instituições Bancárias são a imagem de mercado financeiro próspero, quando se pensa em bancos logo se associa a uma instituição bem-sucedida, que potencializam recursos financeiros e alocam eficientemente capitais. Todavia, as Instituições Financeiras são bem mais complexas, são também responsáveis pela administração e equilíbrio entre moeda, prazos e taxas de mercado, quando não há um gerenciamento eficiente, pode-se haver um desequilíbrio danoso a toda a sociedade, como o que ocorreu há pouco tempo nos Estados Unidos da América em 2008, onde os bancos confiaram demasiadamente em seus clientes sem haver a devida análise de mercado, onde davam imóveis como garantias de empréstimo, e o mercado imobiliário entrou em crise, fazendo com que os valores de mercado despencassem. Esse exemplo ilustra claramente a necessidade de uma análise de mercado, e como um gerenciamento de risco poderia ter evitado essa crise, que culminou em uma estafa de sistemas financeiros do mundo todo.

Ao se preocupar com esses impactos negativos, ou com ocorrência de incertezas a gestão de riscos, o administrador busca controlar um sistema capaz de prevenir, detectar e diminuir a probabilidade e as consequências de um evento indesejado, que pode colocar em jogo a instabilidade e credibilidade de determinada instituição. Os Riscos provem de investimentos e de toda movimentação financeira existente no mercado, e por ventura o mesmo não tem como ser evitado em todo momento, há apenas a alternativa de se gerenciar, buscar antever o que se refere à exposição de incertezas. O gerenciamento de risco é o processo que trabalha o que é incerto ou perigoso, sistematizando e analisando, para isso lançando mão de ferramentas capazes de fazerem análises prévias de risco e retorno.

O estudo em questão se finda, tendo por desígnio ter descrito os modelos de gestão de risco financeiro, os mais utilizados pelas instituições financeiras e principal e primeiramente, porque gerenciar uma situação de risco. Todas as definições se pautaram na realização de levantamentos bibliográficos, por cortes na literatura específica da área de Gestão de Risco.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Antonio Juarez; SCHMITZ, Eber Assis. **Análise de risco em gerência de projetos**. 1.ed. Brasport. Rio de Janeiro, 2006.

BABIN, Barry; HAIR, Joseph F. Jr; MONEY, Arthur H.; SAMOUEL, Phillip. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. 1.ed. Bookman. São Paulo, 2003.

BERVIAN, Pedro Alcino; CERVO, Amado Luiz. **Metodologia Científica**. 5.ed. Prentice Hall. São Paulo, 2002.

BODIE, Zvi; KANE, Alex; MARCUS, Alan J. **Fundamentos de Investimentos**. 3.ed. Bookman. Porto Alegre, 2000.

BREALLY, Richard A.; MYERS, Stewart C. **Financiamento e Gestão de Risco**. 1.ed. Bookman. São Paulo, 2003.

BRIGHAM, E. F.; EHRHARDT, M. C. **Administração Financeira: teoria e prática**. Pioneira Thomson Learning. São Paulo, 2006.

- CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. **Gestão Integrada de organizações**. 1.ed. Brasport. Rio de Janeiro, 2008.
- CHENÇO, Edson Carlos. **Fundamentos em Finanças**. 1.ed. IESDE Brasil. Curitiba, 2009.
- COPELAND, Tom; KOLLER, Tim; MURRIN, Jack. **Valuation (Avaliação)**. 3.ed. Person Education do Brasil, 2002
- CORREIA NETO, Jocildo Figueiredo. **Elaboração e Avaliação de Projetos de Investimento - considerando o risco**. Elsevier. São Paulo, 2009.
- DAMODARAN, Aswath. **Finanças corporativas: teorias e práticas**. 2.ed. Bookman. São Paulo, 2004.
- DAMODARAN, Aswath. **Gestão Estratégica do Risco - Um referência para a tomada de riscos empresariais**. 1.ed. Bookman. Porto Alegre, 2008.
- DOWNES, John; GOODMAN, Jordan Elliot. **Dicionário de termos financeiros e de investimentos**. 3.ed. Nobel. São Paulo, 1993.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. **Prática da administração de empresas**. 1.ed. Pioneira Thomson. São Paulo, 1981.
- ILARDO, Joseph. **Assumindo Riscos para crescer - como transformações radicais podem gerar sucesso na vida**. 1.ed. Summus. São Paulo, 2002.
- GOMES, Adriano. **Gerenciamento do Crédito e Mensuração do Risco de Vender**. Manole. Barueri, 2003.
- GOMES, Laurentino. **1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta, enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. 1. ed. Planeta. São Paulo, 2007
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. Atlas. São Paulo, 2010.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira - Essencial**. 2.ed. Bookman. São Paulo, 2000.
- KRAUTHER E MAFÁ. **UM ESTUDO SOBRE A EVOLUÇÃO DA FUNÇÃO FINANCEIRA DA EMPRESA**. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/42.pdf>> acessado em 16/05/2013.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho Científico**. 4.ed. Atlas. São Paulo, 1995.
- PADOVEZE, Clovis Luis. **Introdução a Administração Financeira**. 1.ed. Thomson. São Paulo, 2005.
- PASCHOARELLI, Rafael. **Como ganhar dinheiro no Mercado Financeiro: Encontre o perfil de investidor adequado à sua personalidade**. 2.ed. Elsevier. São Paulo, 2008.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. Cortez. São Paulo, 2007.
- STEPHAN, Naomi. **Realize o propósito da sua alma - caminhos criativos para a missão da sua vida**. 1.ed. Editora Pensamentos. São Paulo, 1994.
- TOLOTTI, Márcia. **As armadilhas do consumo; acabe com o endividamento**. 2.ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2007.
- TOSINI, Maria de Fátima Cavalcante. **Risco Ambiental para as Instituições Financeiras**. Annablume. São Paulo, 2006.
- TITMAN, Sheridan; GRINBLATT, Mark. **Mercados Financeiros, Estratégias Corporativas**. 2.ed. Bookman. São Paulo, 2002.